

ABADIL, O VIAJANTE

Carlos Nejar

Abadil, o viajante.
Não era um, era muitos
confluindo no seu corpo
e o fatigando.

Abadil, mais que Abadil,
a infância dele, o rebelde,
suas letras de colégio,
o anterior e o seqüente,
a baldeação de Abadil,
o seu arrabalde, o sítio.
E fora dele, a tronqueira,
o funcho, o mundo encanado.

Fora dele, apenas ele
que em si mesmo divisava
companheiros, inimigos
e casas de tavolagem.

Ou talvez lhe divisassem
no rosto, as suas paragens,
as geografias no sangue
e um povo todo no esforço.
Alguma aldeia no peito
forrado de arroios, leivas,
madeiras de lei, colheitas.

Seus negócios: uma firma
de calendas e fazendas.

Curtição
de notícias e coragens
sobraçava-lhe o jaleco.
Ademais, os imprevistos
a que as botas já não calçam,
nem consertam.

Viajava. De Porto Alegre
a São Borja.
Ou melhor, desviajava
na viagem indomável
das horas em nossas partes
ou mortes.

Suas malas não traziam
quase nada: uma esperança,
quem sabe, uma leva
de vertigens.
E no fecho,
certa lágrima.

Nas ruas, nas avenidas
um Abadil caminhava
firmado às pedras e outros,

com mala e tudo voavam
na direção do que viam
ou pressentiam.
Um Abadil com as esperas,
a vencida duplicata.
Outro, Abadil,
entre cartas marcadas
por mão de ferro.
Outro Abadil dormia
no banco de alguma praça.
E outro (meu Deus, eram tantos !)
sobrevoava. O seu terno
de borboletas arqueava
e subia a noite alta.

Vinham guardas, vinham alvas,
vinham-lhe marés de orvalho,
labirintos pelas folhas
de um jasmineiro.

Vinham recados
de sua firma,
pedidos de compra,
notas e em sonho
Abadil cumpria
o fado de vendedor.

Assim o insólito horário,
o duplicado labor.
Abadil entardecia,
amanhecendo o chão.

Corte Real, 183-P.Alegre-RS